



**Composição literária e contemplação da existência em contos de Maria
Judite de Carvalho**

**Literary composition and contemplation of existence in short stories by
Maria Judite de Carvalho**

**Composición literaria y contemplación de la existencia en cuentos de Maria
Judite de Carvalho**

DOI: 10.55905/revconv.18n.5-066

Originals received: 4/4/2025

Acceptance for publication: 4/29/2025

Cássia Ferreira Gomes

Graduanda em Letras

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Endereço: Aquidauana – Mato Grosso do Sul, Brasil

E-mail: cassia.gomes@ufms.br

Marcos Rogério Heck Dorneles

Doutor em Letras

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Endereço: Aquidauana – Mato Grosso do Sul, Brasil

E-mail: marcos.dorneles@ufms.br

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6247-0866>

RESUMO

Alguns contos da escritora Maria Judite de Carvalho (2018) sinalizam uma elaboração das narrativas que conduz a uma espécie de surpresa ou revelação, encontrada no instante decisivo das histórias das personagens. Nesse horizonte, este trabalho procura pesquisar certos procedimentos compositivos que são adotados nessa forma de constituição textual em articulação com a contemplação da existência. Para tal, este estudo busca realizar intersecções com proposições acerca das teorias do conto, por intermédio de assertivas de Ricardo Piglia (2004), Julio Cortázar (2006) e Massaud Moisés (1981; 2013; 2014); e com apreciações da recepção crítica, dispostas nas análises de Ana Rita Sousa (2024); Sara Reis da Silva (2021) e Isabel Lucas (2018). Neste trabalho foi possível refletir sobre aspectos da obra e da vida da escritora, elementos do universo de suas personagens, processos de composição, temas correlacionados e peculiaridades de escrita. Destacamos como experiência do exame de suas narrativas a ênfase para a problemática existencial das personagens femininas, a oportunidade de interação com os leitores, o mergulho na estética do conto e a possibilidade de se vivenciar contradições dos ser humano.

Palavras-chave: contos, literatura portuguesa, personagens, recepção crítica, teorias do conto.



ABSTRACT

Some short stories by writer Maria Judite de Carvalho (2018) signal an elaboration of narratives that lead to a kind of surprise or revelation, found at the decisive moment of the characters' stories. In this context, this work seeks to research certain compositional procedures that are adopted in this form of textual constitution in conjunction with the contemplation of existence. To this end, this study seeks to make intersections with propositions about short story theories, through assertions by Ricardo Piglia (2004), Julio Cortázar (2006) and Massaud Moisés (1981; 2013; 2014); and with assessments of critical reception, arranged in the analyses by Ana Rita Sousa (2024); Sara Reis da Silva (2021) and Isabel Lucas (2018). In this work, it was possible to reflect on aspects of the writer's work and life, elements of the universe of her characters, composition processes, correlated themes and peculiarities of writing. We highlight as an experience of examining their narratives the emphasis on the existential problems of female characters, the opportunity for interaction with readers, the immersion in the aesthetics of the story and the possibility of experiencing the contradictions of human beings.

Keywords: short stories, portuguese literature, characters, critical reception, short story theories.

RESUMEN

Algunos cuentos de la escritora Maria Judite de Carvalho (2018) señalan una elaboración narrativa que conduce a una especie de sorpresa o revelación, presente en el momento decisivo de las historias de los personajes. En este contexto, este trabajo busca investigar ciertos procedimientos compositivos que se adoptan en esta forma de constitución textual, en conjunción con la contemplación de la existencia. Para ello, este estudio busca intersecciones con proposiciones sobre teorías del cuento, a través de afirmaciones de Ricardo Piglia (2004), Julio Cortázar (2006) y Massaud Moisés (1981; 2013; 2014); y con evaluaciones de recepción crítica, organizadas en los análisis de Ana Rita Sousa (2024); Sara Reis da Silva (2021) e Isabel Lucas (2018). En este trabajo, fue posible reflexionar sobre aspectos de la obra y la vida de la escritora, elementos del universo de sus personajes, procesos de composición, temas correlacionados y peculiaridades de la escritura. Destacamos como experiencia de examen de sus narrativas el énfasis en los problemas existenciales de los personajes femeninos, la oportunidad de interacción con los lectores, la inmersión en la estética del relato y la posibilidad de experimentar las contradicciones del ser humano.

Palabras clave: cuentos, literatura portuguesa, personajes, recepción crítica, teorías del cuento.

1 INTRODUÇÃO

A escritora portuguesa Maria Judite de Carvalho nasceu em 1921 na capital Lisboa, cidade na qual depois cursou Filologia Germânica na faculdade de Letras. Após sua formação acadêmica, Maria Judite de Carvalho viveu vários anos na França e na Bélgica juntamente com o seu esposo, o escritor Urbano Tavares Rodrigues. Ao retornar a Portugal, a autora realizou atividades na qualidade de jornalista (em revistas e jornais), sobretudo como cronista, e efetuou



também trabalhos de traduções de textos literários, conforme aponta o crítico Álvaro Manuel Machado (1996). Em sua carreira literária, a escritora compôs uma variedade de modalidades textuais como conto, crônica, novela, romance, peça teatral e poema. Dentre essas produções, algumas vieram a público somente de maneira póstuma.

Em sua trajetória literária Maria Judite se estabelece como um marco peculiar na escrita da literatura portuguesa, recebendo homenagens tais quais o Prémio de Novela Portuguesa de Escritores, o Grande Prémio Cronista da Associação Portuguesa de Escritores, o Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco, Prémio Vergílio Ferreira. No entanto, segundo o crítico Álvaro Machado, a forma breve foi a tônica da produção literária da escritora lisboeta: “[...] destacando-se sempre o conto como género naturalmente eleito, exemplar, paradigmático” (Machado, 1996, p. 106). Nesse cenário, Maria Judite de Carvalho despontou nas narrativas portuguesas em 1959 com a obra denominada *Tanta gente, Mariana* (2018), a qual contém sete contos de composição diferenciada e surpreendente, como, por exemplo, “A avó Cândida”, “A vida e o sonho”, “Desencontro” e o homônimo “Tanta gente, Mariana”.

De acordo com Massaud Moisés (1981), na composição dos contos de Maria Judite de Carvalho destacam-se as esferas da arte do implícito, do intimismo e da constituição narrativa de um “momento privilegiado” na vida das personagens. Tais âmbitos são marcos da escritora portuguesa, nos quais são trazidas construções textuais densas, e em que cada palavra dispõe pesos significativos, como desdobra o filósofo Eduardo Lourenço sobre a escrita juditiana:

[...] mundo de álbuns que se abrem à nossa passagem e nos olham como espelhos, armários vazios cheios de nós mesmos, solidão solidificada entre as caixas e os mais imperceptíveis pensamentos. É uma obra de poucas páginas, com a **densidade do tempo** que não passou e sempre está passando deixando a sua dedada fria aos que por ele passam. (Lourenço, 1994, p. 275; grifos nossos)

Em busca de debater parte dos elementos compositivos da escrita de Maria Judite de Carvalho (como esses imperceptíveis pensamentos e essa densidade do tempo), este trabalho procura estabelecer reflexões sobre a elaboração dos contos da escritora, a qual transporta a uma forma de sobressalto ou lampejo no chamado instante decisivo das histórias juditianas. Nesse caminho, esta pesquisa busca investigar determinadas possibilidades de construção dos contos de Maria Judite de Carvalho e debater certos temas conexos à contemplação da existência junto às personagens principais. Nesse imbricamento, busca-se associar o mergulho nas adversidades vivenciadas pelos protagonistas com a constituição de peculiaridades compositivas da escrita



juditiana. Com o intuito de efetuar essas interfaces, este artigo seleciona para apreciação os contos “A avó Cândida” (Carvalho, 2018), “A vida e o sonho” (Carvalho *apud* Moisés, 2009), “A alta” (Carvalho *apud* Melo, 2002) e “Uma varanda com flores” (Carvalho, 2018). A pesquisa adota como direcionamento investigativo o estabelecimento de interlocuções com asserções das teorias do conto – vistas em textos de Ricardo Piglia (2004), Julio Cortázar (2006) e Massaud Moisés (1981; 2013; 2014). De outra parte, o estudo também se institui pelo delineamento metacrítico ao procurar desdobrar reflexões acerca das apreciações realizadas por parcela da recepção crítica – feitas por Ana Rita Sousa (2024); Sara Reis da Silva (2021) e Isabel Lucas (2018).

2 RECEPÇÃO CRÍTICA

As obras de Maria Judite de Carvalho, principalmente seus contos, foram propósito de uma certa quantidade de análises críticas, destacando-se por muitos fatores temáticos e compositivos. A pesquisadora Ana Rita Sousa (2024) pondera sobre características relacionadas à constituição da estética do conto de Maria Judite de Carvalho em suas peculiaridades, e, anteriormente, a professora discorre sobre a organização e a extensão das narrativas nas oito coletâneas de contos publicados pela escritora:

Sublinho que se trata de coletâneas, ou seja, nenhum dos volumes apresenta ou sugere uma arrumação ou organização interna, seja ela temática ou formal, que vá mais além da agrupação de um número suficiente de páginas que justifique um volume. O título é realmente, com exceção de *Os idólatras*, homônimo ao do primeiro conto, que é também o mais longo de extensão, chegando nalguns casos a tratar-se de uma novela breve, como sucede com ‘As palavras poupadas’, novela à qual se juntam três contos, e ‘Além do Quadro’, cuja longa extensão contrasta ferozmente com a dos outros textos do volume, que nunca ocupam mais do que quatro ou cinco páginas cada um. (Sousa, 2024, p. 306)

Nessa direção, a crítica ressalta que nos contos publicados por Maria Judite de Carvalho não há necessariamente a exigência de uma certa ordem para serem dispostos nos livros, não se possui uma extensão estável das narrativas e também não existe a cobrança de uma unidade temática, como se assinala a respeito da articulação dos títulos utilizados nas publicações. Portanto, tem-se nos contos juditianos uma proposta de composição organizada num horizonte de oscilação e heterogeneidade das criações.



Contextualmente, Ana Rita Sousa (2024) alude o quadro de que há uma predominância (tanto na produção literária como na recepção crítica) da modalidade da poesia ou do romance na literatura portuguesa. No entanto, a pesquisadora destaca que Maria Judite é especialmente diferenciada pela sua arte no conto, e foi um dos autores que contribuiu para a transição entre o conto tradicional e o conto moderno na literatura lusitana. A crítica também aponta possibilidades estratégicas que Carvalho abrange em suas narrativas. Para isso, Ana Rita Sousa estabelece interlocuções com horizontes das teorias do conto – dispostas por Ricardo Piglia (2004) e por Lauro Zavala (2004; 2017) – e efetua análise das narrativas “A floresta em sua casa”, “A vida e o sonho”, “A avó Cândida”, “Varanda com flores” e “Carta aberta à família”. Nessa investigação Souza assinala soluções compositivas que Maria Judite de Carvalho procura adotar para as peculiaridades temáticas e constitutivas de cada um dos contos.

A pesquisadora Sara Reis da Silva destaca as mais proeminentes especificidades estéticas, conceituais e temáticas da escrita de Maria Judite de Carvalho na obra *Tanta gente, Mariana* (2018). Inicialmente, Silva indica um certo horizonte no qual situa o empenho das composições juditianas:

[...] dedica-se a uma **escrita subtil e feita de sugestão**, a relatos ficcionais que esperam do leitor uma rara maturidade, uma abertura ao outro [...] a sua voz singularizou-se, porque instiga, envolve, intriga e **proporciona uma contemplação da existência**, de identidades multifacetadas, complexas e profundas (Silva, 2021, p. 24; grifos nossos)

Sara da Silva sinaliza no universo dos contos de Judite de Carvalho a inserção de um quadro peculiar a respeito de determinados segmentos das mulheres no século XX: as expectativas impostas pela sociedade, as frustrações de uma vida, que eram acompanhadas dos desejos de fazerem algo e das limitações sociais (visto que traziam em seu âmago sofrimentos, feridas e desenganos). Tal cenário vem a se incluir nas principais linhas temáticas como descreve a pesquisadora (2021).

Dentre as especificidades compositivas das narrativas juditianas, Sara Reis da Silva (2021) direciona a importância dada aos títulos dos contos (que incorporam elementos e propostas de construção), a recorrência de tópicos (desencanto, brevidade, efemeridade) e a constituição de uma amálgama entre protagonistas, conjunto de acontecimentos, temporalidades e âmbitos espaciais, tal qual se indica a seguir: “[...] Maria Judite de Carvalho une, com especial sensibilidade, personagens e enredos e compõe um espaço e um tempo em que o interior e o



exterior se mesclam, muitas vezes (des)compondo o inteiro e revelando percursos de vida muito próximos do real.” (Silva, 2021, p. 26). Decorrente dessas articulações, Silva ressalta uma produção de conexão íntima, destinada à instância da leitura por meio do envolvimento com as vivências das personagens dispostas nos contos de Maria Judite de Carvalho.

No momento da reedição das obras completas de Maria Judite de Carvalho, organizadas em seis volumes (incluem-se contos, crônicas, novelas, romance, poemas, peça de teatro), a jornalista Isabel Lucas salienta – no “Prefácio” do volume V (2018) e no jornal *Público* (2018) – que no decorrer dos trinta anos de composição literária Maria Judite de Carvalho dispunha-se como uma escritora do íntimo e uma observadora do cotidiano:

Nos 13 livros que publicou, **soube dar ao privado um carácter político**; os seus contos e as suas novelas, o teatro, as crônicas e a poesia compõem um quadro social e de costumes difícil de superar. Pertence a um tempo, mas vai além dele, **consequindo a intemporalidade no modo como narra** a dor, a desolação, a ruína privada, mergulhando no profundo das suas personagens, gente à deriva no dia-a-dia [*sic*] da cidade. (Lucas, 2018, p. 14; grifos nossos)

Para reiterar esse quadro elaborativo, Isabel Lucas expressa a tônica das propostas de constituição de uma voz e de um exercício contínuo de contemplação e audição de si mesma e dos outros, realizadas por Maria Judite de Carvalho. Em seu texto Isabel Lucas efetua a exposição sobre a obra e a vida da escritora lusitana em quatro partes (2018): Em “A escrita certa da angústia feminina” discorre sobre temas e forma de composição da obra juditiana e acerca de apreciações da recepção crítica. Na seção “Mulheres em rectângulos” Isabel destaca o universo doméstico da escritora; a inserção nos âmbitos do desenho e da pintura; a elaboração do projeto de reedição das obras de Maria Judite de Carvalho; o início das interlocuções entre a neta da escritora (Inês Fraga) e a editora (Sara Lutas); e os depoimentos da neta sobre peculiaridades da vida da família.

Em “Uma biografia que apenas se intui” a jornalista efetua uma condensação do percurso da vida da escritora, destacando fatos como a criação pelas tias, a formação universitária da escritora, o casamento com Urbano Tavares Rodrigues, a morada em Paris, o retorno a Portugal, o nascimento da filha (Isabel Fraga), a importância do marido em diferentes âmbitos, o começo dos trabalhos na imprensa e o início da escrita literária. Já em “Um paralelo: Clarice Lispector” Isabel Lucas situa paralelismos compositivos que perduraram por bastante tempo entre a produção literária de Judite de Carvalho e a de outras escritoras (Natália Nunes, Irene Lisboa,



Natália Correia, Agustina Bessa-Luís, por exemplo). Mas a redatora realça que a comparação que se manteve foi com as narrativas de Clarice Lispector. Nesse caso, a identificação das similaridades que se acentuavam entre as duas escritoras apontavam para a sondagem do íntimo e para a constituição de um humor sutil diante dos labirintos da vida cotidiana. No final Isabel Lucas retoma os depoimentos de Inês Fraga e Sara Lutas, destacando a adequação da publicação dos volumes ao Acordo Ortográfico.

Em síntese, podemos direcionar que as apreciações que Ana Rita Sousa, Isabel Lucas e Sara Reis da Silva efetuam sobre o conjunto da vida e parcelas da obra de Maria Judite de Carvalho são um genuíno mergulho sobre uma escritora portuguesa do século XX, que trouxe a lume uma visão peculiar das vidas cotidianas e de possibilidades diferenciadas de escrita.

3 COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

Destacando-se na composição do universo das escritoras em seu horizonte narrativo no século XX, Maria Judite de Carvalho adota uma linguagem corrente das vivências de suas personagens nos seus textos, nos quais possibilita-se aos leitores visualizarem uma construção que se encaminha com reviravoltas direcionadas para o chamado instante decisivo, como assinala Massaud Moisés (1981). Portanto, a leitura de alguns contos de Carvalho já pode criar aos seus leitores a perspectiva desse marco em suas narrativas. Por mais simples que pareçam os diálogos nos contos de Maria Judite de Carvalho, a contista traz consigo uma escrita muito próxima dos anseios e dos atritos das situações da realidade social. Massaud Moisés compreende que “[...] laborando sempre com ‘palavras poupadas’, a ficcionista procura respeitar a integridade do **ser humano que examina com a sua aguda retina**: cônica de que deve empregar o mínimo de palavras para sugerir, pois o excesso desfaz a sugestão [...]”. (Moisés, 1981, p. 358; grifos nossos). Desse modo, observa-se uma proposta de composição que é selecionada em suas escritas.

O crítico também ressalta que a escritora utiliza a tática da “arte do implícito”, visto que emprega as virtualidades de sua imaginação para incrementar a sutileza, a sugestão, a alusão, como, por exemplo, na conversa da protagonista Clara com seu namorado no conto “A avó Cândida”. Por outro lado, a ficcionista se vale de diversos assuntos para as suas criações: as agruras existenciais da vida de um bancário (no conto “A vida e o sonho”); as dificuldades



financeiras e os impasses amorosos de uma neta que trabalha em serviços administrativos (em “A avó Cândia”); a longa espera de um *affair* na história das personagens Luísa e Duarte (em “Desencontro”); os impasses sociais e amorosos de Mariana (em “Tanta gente, Mariana”). Destaca-se uma das passagens das histórias, principalmente, no final do qual ocorre aquilo que é chamado de um instante decisivo. Esse momento se dá quando a história muda profundamente a jornada dos protagonistas, como neste trecho do conto “A avó Cândia”:

Era cinzenta, peluda e muito séria. Uma gata de sua casa [...] deu um piparote no cesto. **Algumas bolas de papel espalharam-se pelo chão.** A Boga bateu numa delas com ar displicente e a bola foi tocar nos pés de Clara. [...] **Era uma carta de amor.** Essa razão era ter sabido que ela o atraía, que ela o atraía sempre. ‘Mas perdoo-te, Cândia, e espero que sejas feliz.’
Clara gritou: ‘Avó!’ E não sabia por que gritara. Depois repetiu mais alto ainda, espantada da sua imobilidade: ‘Avó!’ Levantou-se a correr, deu a volta à secretária. ‘Avó! Avó! Avó!’ **Mas a avó Cândia tinha partido havia muito.** (Carvalho, 2018, p. 72; grifos nossos)

Como vemos no fragmento anterior, ocorrem dois acontecimentos surpreendentes (a morte da Avó Cândia e a descoberta dos amores clandestino dessa avó) e a configuração de um antes e um depois dessa situação. Portanto, a vida da protagonista Clara passa ser guiada por uma nova percepção, e, por outro lado, na escrita do conto privilegiou-se um acúmulo de informações que levassem a dar maior destaque a esse instante decisivo. Assim, o chamado instante decisivo nas narrativas curtas de Maria Judite de Carvalho é um marco em seus contos, nos quais trazem consigo essa reviravolta em suas histórias, chamando a atenção do leitor e deixando uma sensação de surpresa, tal qual no conto “A vida e o sonho” (Carvalho *apud* Moisés, 2009). Nessa narrativa se relata a história de um homem que tinha um sonho de uma vida inteira (viajar os mares, percorrer os continentes, deslocar-se de avião e navio etc.), porém com uma escolha, deixou de viver seu desejo, como se apresenta no trecho abaixo:

– Sabe por que o mandei chamar?
Mas o Adérito não sabia. Também não tinha pensamentos. Estava sentado na borda da poltrona e tinha as mãos sobre os joelhos, respeitosamente unidos. Esperava.
O diretor pôs-se a falar. Que a direção reconhecia o seu valor, a sua dedicação à casa, o seu amor ao trabalho. Como já devia ter ouvido, **o Banco ia ter uma sucursal em Lourenço Marques. O caso era que a direção tinha pensado nele, Adérito, para a dirigir, enfim, para gerir.** Seria, claro, aumentado. Atrevia-se mesmo a assegurar-lhe que teria um aumento considerável... Considerável... Enfim, uma situação muitíssimo vantajosa. Sem falar no prestígio. Mas que pensasse, pensasse depois lhe diria se aceitava ou não.



O Adérito não pensou, ou melhor, pensou muito pouco. Também não falou daquilo à mulher porque ela não saberia compreender a resolução que tinha tomado, ainda o diretor lhe estava a expor o caso. Sempre sonhara ser uma senhora, coitada. Uma senhora como ela era capaz de ambicionar. (Carvalho *apud* Moisés, 2009, p. 644-645; grifos nossos)

O protagonista Adérito era apaixonado por literatura de viagens e por admirar a saída e a chegada de aviões e navios em portos e aeroportos. Nesse sentido, a possibilidade de promoção para um outro continente seria uma forma de ele romper a limitação de quem viveu uma vida inteira dentro de uma agência bancária. Por esse prisma, pode-se visualizar parte do processo compositivo proposto pela escritora, visto que utiliza desses momentos para demonstrar que determinada expectativa do leitor poderá ser “quebrada” no final, pois a escritora muda a história e finaliza, deixando uma revelação, sem muitas explicações. Nesse sentido, podemos efetuar uma articulação com o que Julio Cortázar discorre sobre certos desdobramentos da modalidade textual do conto:

Um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta. [...] E, contudo, os contos de Katherine Mansfield, de Tchecov, são significativos, alguma coisa estala neles enquanto os lemos, propondo-nos uma espécie de ruptura do cotidiano que vai muito além do argumento. (Cortázar, 2006, p. 153)

Nota-se que os contos mencionados anteriormente (“A vida e o sonho”, “Avó Cândida”, “Desencontro”, “Tanta gente, Mariana”) também possibilitam uma crítica social sobre determinados assuntos que são colocados em suas histórias, de uma forma acentuada, para que o ser humano (tanto o personagem quanto o leitor) possa analisar a sua história e repensar a sua trajetória. Podemos mencionar o conto “A vida e o sonho”, em que desistir de mudar de vida ou melhor desistir de seu “sonho”, é algo que vivemos no cotidiano, pois é cômodo estar num padrão de rotina, visto que nos fazem acreditar que investir em algo novo, poderá falhar, ou até mesmo o medo da “mudança” de jornada, fazendo com que se continue na mesma caminhada, infelizmente. Esse quadro pode ser vislumbrado no conto “A vida e o sonho”, tal qual aponta Ana Rita Sousa:

[...] assistimos à descrição da vida de Adérito, um típico funcionário vulgar numa cidade comum, que reserva o seu fim de semana para o seu “sonho” com viagens. Cada fim de semana, Adérito dirige-se ao porto vendo partir os navios e imaginando as vidas paralelas que não viveu. A estranheza do final reside em que, contrariando toda a



expectativa sugerida pelo argumento da vida de Adérito, quando por fim surge uma oportunidade laboral de cumprir-se esse sonho, o protagonista recusa. [...]

O sonho, afinal, mantém-se no paralelismo sugerido pelo título, não se cruzando nunca com a vida, seguindo a sua rota equidistante a esta, deixando por resolver as verdadeiras razões para tal. (Sousa, 2024, p. 311)

Pondera-se que os textos de Maria Judite de Carvalho conseguem impactar determinadas convicções de nossas vidas, fazendo-nos refletir, ao se tentar lançar alguma explicação sobre certos assuntos ou problemas. Como, por exemplo, no conto “Tanta gente, Mariana”, no qual estão presentes junto à protagonistas diversas emoções das mais felizes às mais tristes, as quais nos trazem um tipo de situação em que estamos “sozinhos”, em um mundo repleto de gente, como o título já abrange, um conto forte, que envolve principalmente aspectos mais crus da realidade.

Por outro lado, vislumbra-se a probabilidade de que cada conto juditiano também possa contar duas histórias numa mesma narrativa, as quais são possíveis de se compreender de maneiras diferentes por meio das atuações dos narradores e das personagens. No entanto, é necessário que o leitor acompanhe com muita atenção cada momento, para que possa analisar esse duplo circuito, conforme a proposta de Ricardo Piglia (2004). No conto “Avó Cândida” enquanto se tece a história das dificuldades amorosas e de trabalho de Clara e as repreensões que recebe de sua avó, a narrativa constrói secretamente a revelação do passado da idosa – passado esse que vai se articular também com os dilemas de Clara no tempo presente, como discorre Ana Rita Sousa:

Quando o leitor, ao lado de Clara, descobre as infidelidades e as mentiras da cândida avó, na verdade descobre, como Clara, a sua capacidade para alimentá-las perante uma sociedade que exige da mulher uma série de comportamentos, dos mal chamados ‘bons costumes’, que só são bons e tanto melhores quanto melhor disfarçados. A história que se revela, através do passado da avó, é a do futuro de Clara. (Sousa, 2024, p. 312)

Por outro lado, em alguns contos da escritora também é possível notar a junção de conto de enredo (em que há o predomínio da presença acontecimentos) e conto de atmosfera (em que há a predominância da expressão das emoções e dos pensamentos das personagens), embora prevaleça essa segunda modalidade, como em “Avó Cândida” (Carvalho, 2018). Portanto, vislumbra-se que a escritora pode fazer uso dessa tática integradora somada ao realce do instante decisivo – como aponta Massaud Moisés (1981) – para constituir uma proposta estética mais peculiar à criação de seus contos.



4 CONTEMPLAÇÃO DA EXISTÊNCIA

Os contos “A alta” (Carvalho *apud* Melo, 2002) e “Uma varanda com flores” (Carvalho, 2018) possuem algumas semelhanças e diferenças composicionais, como, por exemplo, o protagonismo destinado às figuras femininas idosas e disposição da performance de cada uma delas. Em “A alta” tem-se “ela, a velha professora”, internada num hospital em fase final de recuperação e com pressa para receber alta. Já no conto “Uma varanda com flores” dispõe-se “a velhinha” (85 anos) que habita há anos no terceiro andar de um prédio e desenvolveu um certo distanciamento das correrias e ansiedades da vida corrente.

O conto “A alta” descreve a vida de uma ex-professora, a qual passou um certo tempo no hospital buscando se recuperar, por conta de seu quadro frágil de saúde, e está muito ansiosa para receber a alta. Seu filho é a única pessoa que vai para lá fazer uma visita, até fazer o anúncio das condições de alta hospitalar. Especificamente, “ela, a velha professora” não poderá viver sozinha em sua residência, devido a sua condição de saúde. Tal anúncio contrariou de fato a personagem, pois não tem uma boa convivência com sua nora e seus netos, e, principalmente, não gosta de crianças, como se descreve no trecho abaixo:

– Mas também me disse que a mãe não pode viver sozinha, **não pode mais viver sozinha**. [...]

– Tem que ser, não há outra alternativa. Até vai ser bom, a mãe toma um pouco conta deles. Sabe como é a Alice... Até vai ser bom, mãe. Para nós e para as crianças. E para si, claro. [...]

Como podiam elas [as companheiras de hospital] perceber o horror de perder uma guerra e ser refém? Semicerrou os olhos e pensou que ensinara toda a vida crianças, **mas que nunca gostara de crianças** e elas percebiam isso, são muito espertas, mesmo as pouco inteligentes. **E agora, ao fim da vida, ia ser lançada às crianças**. (Carvalho *apud* Melo, 2002, p. 298-299; grifos nossos).

Nesse momento joga-se o instante decisivo na história, no qual a expectativa contínua e crescente de se desvencilhar dos desconfortos e limitações inerentes a uma internação hospitalar é substituída pela surpresa de que não poderá mais desfrutar de sua solitude na sua própria residência, e ainda terá que aturar uma nova forma de convivência. Portanto, a oposição entre expectativa gerada e situação concreta apresentada possibilita a construção de um contraste artístico de surpresa na narrativa.

Já no conto “Uma varanda com flores” expressa-se a história de uma senhora (“a velhinha”) que morava no terceiro andar de um prédio em decadência juntamente com uma criada



(surda) e um gato. A senhora não recebe visitante há aproximadamente um mês e tem o seu rotineiro dia modificado pela visita da vizinha do terceiro andar do prédio novo da frente, Cristina Rita (35 anos, viúva há 4 anos e mãe da menina Gininha de 11 anos). A vizinha quer saber detalhes sobre o acidente envolvendo a queda e morte de sua filha há quinze dias, pois “a velhinha” estava na varanda regando flores no momento do triste acontecimento. Os apelos de Cristina Rita em busca de detalhes que possam elucidar as circunstâncias do acidente resultam inúteis, pois “a velhinha” está numa outra rotação de vida, como já informado no início do conto, antes da visita:

O tempo era enorme e não fugia. O tempo nunca foge senão no medo das pessoas. E a velhinha já não receava alguma coisa. Que havia de recear? A morte? Mas as marés haviam roído todas as cordas. Já nenhuma a prendia. Por isso havia tantos anos que vogava dentro daquele terceiro andar de um prédio em ruínas onde vivia com uma criada quase tão velha como ela e um gato. E cada dia acordava mais perto. De quê? (Carvalho, 2018, p. 191)

O contraste entre Cristina Rita (pela vitalidade notória, pela insistência e pelo sentimento de culpa) e a “velhinha” (pelo declínio corporal, pelo acúmulo de experiências e pela ausência de agitação) proporciona a constituição de uma situação singular no conto, na qual a junção das personagens propicia a expressão da apresentação de duas quadras históricas distintas, como situa Ana Rita Sousa:

A negação da velha em falar, pese aos apelos da mãe, mantém as duas histórias sem desfecho consumado – nós não sabemos, em nenhum momento, nada sobre esse acidente –, e faz-nos pensar, **primeiro**, na **impossibilidade de comunicar certas experiências** – as mais risíveis, as mais importantes – e **segundo**, como o silêncio, o estar aí, **o partilhar um momento sem palavras, pode ser também uma forma de comunicação**, talvez das que mais faltam num mundo cercado de palavras. (Souza, 2024, p. 313; grifos nossos)

Em consequência, vemos no conto “Uma varanda com flores” um contraste compositivo entre as figuras da “velhinha” e de Cristina Rita, o qual pode expressar a constituição de atuações antagônicas e a elaboração de uma estética de caráter antitético. E, como salientou Souza, tal contraposição também apresenta a expressão do silêncio como uma forma de comunicação, e pode proporcionar reflexões sobre os desencontros da vida urbana, os choque entre diferentes gerações, o reposicionamento de distintas expectativas, o adiamento de anseios diversos etc.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscou-se estabelecer uma contribuição aos estudos literários ao se percorrer uma trajetória investigativa sobre parcela da produção de contos da escritora Maria Judite de Carvalho. Tal percurso contou com a apresentação de aspectos relacionados à obra e à vida da autora, aos procedimentos compositivos de parcela dos contos juditianos, ao realce das figuras femininas, ao levantamento de tópicos selecionados pela recepção crítica e a aspectos relacionados à contemplação da existência humana. Dentre os destaques da pesquisa situam-se: a indicação da versatilidade elaboracional da escritora (elaboração em várias modalidades textuais – contos, crônicas, novelas etc); o assinalamento do pioneirismo da narrativa curta juditiana na literatura portuguesa (por ser um dos marcos de transição do conto tradicional para o conto moderno); a exposição de algumas peculiaridades da vida de batalhas de Maria Judite de Carvalho; a ênfase reflexiva sobre os processos composicionais (a arte do implícito, o intimismo, o instante decisivo, a simultaneidade de duas histórias, a densidade temporal, a comunicação silenciosa) e a apresentação dos choques de experiência advindos da contemplação da existência das personagens.



REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Maria Judite. “A vida e o sonho”. In: MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2009.
- CARVALHO, Maria Judite. “Desencontro”. In: MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2009.
- CARVALHO, Maria Judite. **Obras completas**. Maria Judite Carvalho. v. I. Tanta gente, Mariana / As palavras poupadas. Lisboa: Minotauro, 2018.
- CARVALHO, Maria Judite. “A alta” In: MELO, João de. **Antologia do conto português**. Alfragide: Dom Quixote, 2002.
- CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. Tradução: Davi Arrigucci Jr.; João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LUCAS, Isabel. “A escrita certa da angústia feminina”. **Público**. Leituras. Lisboa, 25 maio 2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/05/25/culturaipsilon/noticia/maria-judite-de-carvalho-a-escrita-certa-da-angustia-feminina-1831161> Acesso em: 16 out. 2024.
- LUCAS, Isabel. “A escrita certa da angústia feminina”. In: CARVALHO, Maria Judite. **Obras completas**. Maria Judite Carvalho. v. V. Este Tempo / Seta Despedida / A Flor que Havia na Água Parada / Havemos de Rir!. Lisboa: Minotauro, 2018.
- MACHADO, Álvaro Manuel. “Maria Judite de Carvalho”. In: MACHADO, Álvaro Manuel. **Dicionário de literatura portuguesa**. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia e prosa**. São Paulo: Cultrix, 2014.
- _____. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2013.
- _____. **O conto português**. São Paulo: Cultrix, 1981.
- PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SILVA, Sara Reis da. “Tanta Gente, Mariana e o desassossego de Maria Judite Carvalho”. **Boletín galego de literatura**. Santiago de Compostela, n. 58, p. 23-27, 2021.
- SOUSA, Ana Rita. “O conto na literatura portuguesa: o caso paradigmático de Maria Judite de Carvalho”. **Estudos Literários**. Sinop, v. 17, n. 47, p. 303-319, jan./jun. 2024.
- ZAVALA, Lauro. **Cartografías del cuento y de la minificción**. Valencia: Editorial Renacimiento, 2004.
- _____. “Breve historia de la teoría del cuento”. **Forma breve**. Revista de literatura. Aveiro, n. 14, p. 29-44, 2017.